



Kay, William K.; Anne E. Dyer (eds.): *European Pentecostalism*. Leiden/Boston: Brill 2011, ISBN: 978-90-04-20730-1, 416 p.

*Frank Usarski**

As primeiras expressões do então chamado "Cristianismo Pentecostal" foram originalmente testemunhadas no início do século XIX nos Estados Unidos. Em um curto período de experiências associadas, elas espalharam-se por alguns países asiáticos e latino-americanos. Desde então, o fenômeno se tornou um movimento religioso global altamente dinâmico. De acordo com estimativas, cerca de 250 milhões de pessoas em todo o mundo estão atualmente associadas ao Pentecostalismo. Se expandirmos o conceito mais específico do Pentecostalismo no sentido de um movimento com raízes protestantes e levando a Renovação Carismática Católica em consideração, o número pode ser duas vezes maior. Em todo caso, o movimento Pentecostal é, hoje, o segmento cristão que mais cresce. Em termos geográficos, entretanto, o Pentecostalismo é desigualmente distribuído. Comparado aos EUA ou outros redutos nacionais, como Índia, Coreia ou Brasil, o Pentecostalismo continua a ser um dado estatístico relativamente irrelevante na maioria dos países europeus. Estima-se que não mais do que 2,5% da população europeia pertençam ao movimento pentecostal. Essa sub-representação numérica é provavelmente uma das principais razões para a falta de interesse acadêmico pelo assunto. No entanto, os baixos números são enganosos quanto à relevância histórica de certos países europeus para a evolução global do movimento pentecostal e da complexidade institucional das igrejas pentecostais locais na Europa. A partir dessa perspectiva, qualquer tentativa de se lançar mais luz sobre o campo é muito bem-vinda. A antologia "Pentecostalismo Europeu" caminha nesse sentido.

O livro é organizado em quinze capítulos distribuídos em três seções temáticas. Além disso, o leitor encontra um apêndice com dados estatísticos sobre a situação atual dos movimentos pentecostais nos países europeus.

A primeira seção apresenta uma visão geral sobre as origens e a história do Pentecostalismo europeu. É composto por dez capítulos, cujas 270 páginas representam a parte principal da antologia. Os escritos descrevem as origens, evoluções, manifestações e diversificações institucionais, bem como a situação atual do Cristianismo orientado ao Pentecostalismo em países específicos (Itália, Rússia e

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP.

Ucrânia), áreas de predomínio do inglês, alemão, holandês e francês, e zonas geográficas (Península Ibérica, Sudeste da Europa, Europa Central).

A reflexão começa com a reconstrução do passado e a situação atual do Pentecostalismo escandinavo. Isso faz sentido tanto em termos numéricos quanto em uma perspectiva histórica. Na Noruega (8%), Finlândia (6%) e Suécia (5%), o percentual de cristãos com um histórico pentecostal é consideravelmente maior do que a média europeia. Além disso, os primeiros protagonistas europeus do Pentecostalismo vieram de países escandinavos e suas atividades estimularam fenômenos religiosos filiados em diferentes partes da Europa. Outros artigos da primeira seção indicam, com ligeiras inconsistências cronológicas, que o Pentecostalismo na Europa Ocidental passou por quatro fases históricas da expansão mencionadas na introdução da Coletânea (1906-1914, 1918-1939, 1945-1979, 1980-2010). Uma das razões para essa evolução simultânea é a das conexões transnacionais estabelecidas por figuras "chave" como Thomas B. Barrett, Petrus Lewi Pethrus e Alexandre A. Boddy, logo seguidos por parcerias em forma de associações em nível continental. Países do Leste Europeu se tornaram cada vez mais envolvidos nesse processo somente após o colapso do comunismo. Em alguns dos países associados, o recente crescimento do Pentecostalismo beneficiou-se de tendências anteriores. Na Sérvia, por exemplo, algumas atividades pentecostais já foram testemunhadas na primeira década do século 20 e algumas igrejas pentecostais na Rússia estão enraizadas nos círculos cristãos informais na antiga União Soviética.

A segunda seção temática, "Teologia Pentecostal em toda a Europa", contém três escritos. No primeiro artigo, Jean-Daniel Plüss se refere a cinco *solae* e argumenta que o Pentecostalismo evangélico é realmente uma expressão do Protestantismo. A expectativa de que o capítulo seguinte, "A Teologia Pentecostal e Europa Católica", poderia trazer a discussão segundo a perspectiva do lado "oposto", não é suprida. Pelo contrário: William K. Key e os coautores desses escritos oferecem uma mera descrição da história e da situação atual do Movimento da Renovação Carismática Católica em diversos países europeus. No último capítulo da seção, Peter Kuzmic reflete sobre o tema em "Teologia Pentecostal e Europa comunista – Poder Pentecostal e pressão política" e discute diferentes modos de reação dos grupos pentecostais a restrições governamentais na antiga União Soviética e em outros Estados do Leste Europeu.

Os dois capítulos restantes constituem última seção da antologia, com o título "Perspectivas sociológicas do Pentecostalismo na Europa." O artigo de Raymond Pfister sobre o futuro do Pentecostalismo Europeu é teológico em natureza e identifica as medidas eclesiais já existentes ou ainda existentes, bem como estratégias missionárias favoráveis para o desenvolvimento do campo religioso. No último capítulo, "Uma Perspectiva Sociológica sobre o Pentecostalismo na Europa", William K. Kay oferece,

a partir de uma perspectiva sociológica em geral, um balanço da história e das condições atuais do Pentecostalismo em diferentes contextos nacionais europeus.

Como as proporções quantitativas dos três seções temáticas já indicam, a principal preocupação da antologia é a pesquisa descritiva do Pentecostalismo europeu. A maioria dos artigos traz muitas informações detalhadas. O livro é menos convincente quando trata de aspectos teóricos e analíticos. Os únicos escritos que se destacam nesse sentido são os capítulos de Jean-Daniel Plüss e de Peter Kuzmic, em certa medida, também o artigo final de William K. Kay. O oposto vale para o penúltimo capítulo, que aparece na seção "Perspectivas Sociológicas do Pentecostalismo", mas representa, sobretudo, a reflexão de um autor que está fortemente empenhado no movimento pentecostal e lida com problemas teológicos, bem como com os obstáculos institucionais ou estratégicos para o desenvolvimento de sua religião. Não só aqui, mas também em outras partes da antologia, os editores têm de responder à questão sobre se seria útil, em todos os sentidos, convidar os pesquisadores qualificados no campo e colegas que desempenham um papel dentro de uma instituição religiosa pentecostal afiliada, mas que não estão imediatamente associadas ao mundo acadêmico. Autores pertencentes a um dos grupos religiosos em estudo podem estar familiarizados com os dados nem sempre totalmente acessíveis para quem inicia um objeto de pesquisa a partir de uma perspectiva externa. Por outro lado, como alguns artigos da antologia provam, iniciantes podem lutar mais para a criação e manutenção de uma distância crítica em relação ao fenômeno em questão. Essa é, provavelmente, uma das razões para a falta de interesse de análise ao longo do livro. Um leitor sociologicamente orientado perde uma discussão crítica, por exemplo, dos obstáculos sócio-históricos para um crescimento numérico considerável de igrejas pentecostais na maioria dos países europeus. Em que sentido o Pentecostalismo é afetado pelos constituintes das sociedades modernas, incluindo aspectos como o secularismo, pluralidade e "mercados religiosos", e quais contramedidas anteriormente dominantes ou mesmo instituições religiosas monopolistas adotaram quando novos concorrentes, como as igrejas pentecostais, surgiram entre elas? Pode-se ter a impressão de que alguns dos autores omitem esse tipo de pergunta porque tal debate não corresponde necessariamente às suas ambições missionárias e a seu desejo de deixar o Pentecostalismo aparecer sob uma luz favorável, ou mesmo como um movimento que é guiado por Deus e uma autêntica resposta ao chamado do Espírito Santo.

O capítulo sobre a "Teologia Pentecostal e Europa Católica" aponta para outro problema. O artigo trata do Movimento de Renovação Carismática como se ela fosse simplesmente a contrapartida católica do Pentecostalismo evangélico. Essa impressão é ainda alimentada pela forma descritiva com que se dá a aproximação do fenômeno. Alguém pode perguntar: por que os organizadores incorporaram o capítulo ao segundo bloco temático e não à primeira seção, dedicada a uma visão histórica e empírica sobre

o Pentecostalismo Europeu? A questão é ainda mais plausível quando se leva em conta o relativamente amplo conceito do Pentecostalismo Europeu, que é esclarecido na introdução e engloba não só as denominações "clássicas" e as mais recentes correntes do Pentecostalismo evangélico, mas também manifestações correspondentes dentro do Catolicismo. Isso faz sentido se o foco for no estilo "religioso" e nas semelhanças de expressão em termos de uma espiritualidade efervescente. Se se trata de história e da comparação dos contextos institucionais, no entanto, uma abordagem diferenciada perde a oportunidade de discutir o Movimento de Renovação Carismática como reação ao que precede cronologicamente correntes pentecostais dentro do espectro protestante.

Levando-se em conta tanto os pontos fortes quanto os pontos fracos acima referidos, pode-se recomendar a antologia, em especial para os leitores interessados em processos históricos, figuras importantes, manifestações institucionais, dados estatísticos e peculiaridades nacionais relacionadas ao Pentecostalismo europeu. Quanto ao esclarecimento conceitual, análise e interpretação crítica dos fenômenos empíricos associados, o livro deixa muito a desejar. No entanto, depois de ter estabelecido uma base sólida para um trabalho maior, teoricamente mais ambicioso e acadêmico, o papel futuro da antologia como referência obrigatória para os pesquisadores dispostos a aceitar o desafio é garantido.

Recebido: 28/12/2013

Aprovado: 22/01/2014